

SEXUALIDADE E JUDAÍSMO TAIS COMO EXPRESSOS PELA ESCRITORA BRASILEIRA CÍNTIA MOSCOVICH

NANCY ROZENCHAN

São palavras da própria Cíntia Moscovich que me permitem abordar a sua obra pelo viés da sexualidade e do judaísmo. Em entrevista a Veríssimo, ela declarou: “Tudo me leva a escrever. O amor e o erotismo são grandes temas, mas ainda há a velhice, as relações familiares e, sobretudo, o judaísmo. Aliás, sem judaísmo nada me teria saído. O judaísmo me ensinou um certo olhar oblíquo sobre os fatos. Que, bem ou mal, me tem servido na literatura.” A sua novela *Duas iguais – manual de amores e equívocos assemelhados*, uma pungente história de amor, se presta admiravelmente a isto. Escritores judeus brasileiros são pouco numerosos, o número de mulheres judias que se dedica aqui à escrita é ínfimo e a possibilidade de que a obra de uma delas esteja firmemente calcada no erotismo e na sexualidade e, ainda mais, no homoerotismo, é, penso, um caso único.

Ante esta situação insólita, cabem, de início, algumas colocações quanto ao assunto. Na concepção judaica tradicional, considera-se que o desejo sexual provém do *yetser hará* (mau desejo, má inclinação, mau impulso) mas ele não é considerado pior que a fome ou a sede que também provêm do mau desejo. O Talmude, todavia, nota que, sem o *yetser hará* (o desejo de satisfazer necessidades pessoais), as pessoas não construiriam uma casa, nem se casariam, teriam filhos ou realizariam negócios.

As regras judaicas sugerem que o desejo sexual deve ser controlado e canalizado, satisfeito no momento, lugar e maneira adequados. E quando ele é satisfeito no tempo adequado entre marido e mulher, por amor e desejo mútuo, o sexo é uma *mitsvá*, ou seja, um mandamento que é cumprido. Sexo é um ato de significado enorme, que exige compromisso e responsabilidade. A procriação é também uma razão para sexo, mas não é a única. Na Bíblia, a palavra usada para sexo entre marido e mulher vem da raiz hebraica Y D

A, que significa “saber”, “conhecer”, e isto ilustra que a sexualidade judaica conveniente envolve coração e mente, além do corpo. Mais ainda, sexo é um direito da mulher, não do homem. O marido tem o dever de proporcionar sexo e prazer à sua esposa com regularidade, além dos outros dois direitos que são uma premissa dela, alimentação e trajar.

Muito do debate relacionado ao homoerotismo baseia-se em um único versículo bíblico, de Levítico 18:22: “Não te deitarás com um homem assim como deitas com uma mulher, pois é uma perversão abominável.” A proibição é referência explícita ao relacionamento entre homens. As relações homossexuais entre as mulheres não constam dentre as proibições estabelecidas pela Bíblia e há pouca discussão a respeito no Talmude. As poucas fontes que mencionam relações lésbicas dizem que elas não desqualificam uma mulher de certos privilégios de matrimônio com membros do grupo sacerdotal porque se trata apenas de licenciosidade. Há uma surpreendente ausência de discussão sobre a questão de se o lesbianismo pode servir de base para que um homem se divorcie da esposa sem o consentimento dela ou sem que se processem as cláusulas do contrato matrimonial. Maimônides (século XIII) asseverou que práticas lésbicas são proibidas porque eram uma “prática do Egito” e porque constituíam um ato de rebeldia.

Há quem considere o equivalente feminino do homossexualismo masculino como “mera obscenidade”.

Uma outra manifestação talmúdica a respeito do assunto encontra-se no tratado Shabat 65 a, em que um estudioso identificado como pai do Rabi Samuel não permitia que suas filhas dormissem juntas.

Em *Duas iguais*, as duas jovens que se apaixonam, se aproximam e que mantém um relacionamento são Clara, uma judia, e Ana, não-judia, que se conhecem na escola judaica de Porto Alegre. O primeiro capítulo do livro, apresentado de forma independente, mereceu o prêmio do Concurso Guimarães Rosa, da Rádio France Internationale em 1995 e em 1999 o livro mereceu o Prêmio Açoarianos de Literatura de narrativa longa. A trama desenrola-se no seio de uma família judaica gaúcha tradicional bem estruturada, oriunda de imigração européia, sem os problemas e as ansiedades decorrentes das perseguições e das dificuldades econômicas que caracterizaram imigrantes, com padrões morais nítidos e severos que estabelecem o papel que cabe a cada um na família, na formação e

preparo para o futuro, dentro de contextos judaico e geral bem definidos, visando a uma continuidade que não deve extrapolar estas diretrizes. O universo extra-familiar que se antepõe e que, a rigor, não destoa destes mesmos princípios é onde se desenrolarão, de início, os relacionamentos fora do padrão tradicional. Narrada basicamente mas não só em primeira pessoa, pela personagem principal Clara, em forma de reminiscências em tom confessional, a novela apresenta ainda características polifônicas nos capítulos em que Clara se referirá à amada distante, numa conversa unilateral/fluxo de consciência onde mais se espelhará naquela e a tomará como seu reflexo, conforme o título do livro, *Duas iguais*.

Na adolescência, Clara conhece Ana, a colega de sala, no primeiro dia de aula. Ana é a “outra”, aquela que não pertence ao universo da protagonista e de seus colegas. Muitas vezes se tem visto na literatura de autoria de judeus, tanto nos Estados Unidos, como no Brasil, como fato corriqueiro, o judeu colocado como o “outro”, o “estranho”. Já neste aspecto o texto de Moscovich se mostra incomum. A descrição da vivência e da ambientação da garota judia não faz dela o ser diferente; ela é integrada na família e na sociedade local brasileira; tendo o pai como guia e modelo – assunto por si só merecedor de uma apreciação – sabe que tem linhas explícitas a seguir: sem que seja preciso delinear especificamente que isto significa ser uma boa cidadã, uma boa judia, uma boa brasileira, a descrição do comportamento cotidiano do pai torna o assunto bastante nítido. Tais traços abrangem detalhes repetidos toda manhã (camisa engomada, colarinho armado, leitura do jornal, coçar o nariz, o nó da gravata, verificar se a fenda do paletó está em ordem) (p. 17-18), mas, principalmente, o ritual que indica a sua posição na família: a primazia na leitura do jornal, seus relatos minuciosos sobre o que lia, os dados que acrescentava, seus comentários formadores da conduta e, mais tarde, da carreira e postura de Clara como jornalista, - do jornal da escola à grande imprensa - o modo como ele parecia resolver as questões do mundo pelas opiniões emitidas, um quase profeta. A mãe, calcada em modelo tradicional feminino de dona de casa e de mãe, naturalmente, não goza de uma apreciação semelhante. Na maior parte da obra ela é relegada à periferia, não tem voz, ou quase desaparece.

A ousada relação amorosa entre Clara e Ana, de concretização complexa e, por isso mesmo, central na obra, (assim como, mais tarde, um possível relacionamento afetivo com uma colega de trabalho) é solapada

inicialmente pela rigidez da imposição moral baseada na imagem que a protagonista principal formou a partir do pai e, mais tarde, pelas mortes: a do pai, representando o fim de uma etapa de sua vida, quando lhe cabe – ao menos é isto que ela imagina, assumir um papel condutor na vida dos familiares e, por fim, da amada companheira, encerramento da história de amor, história que, segundo modelo de literatura feminina e também da feminista, somente se completa quando é escrita.

O modelo paterno é sustentado por um padrão ético moldado principalmente no judaísmo; é por meio de alguns detalhes narrativos que isto pode ser mais notado. Assim, a menção da leitura diária do jornal, a atividade mais destacada dentre as mencionadas a seu respeito, o que o olhar da narradora-protagonista capta, pode ser percebido como uma apropriação do texto bíblico que conduz à idéia de sentença, um julgamento: “Assim, as manhãs de todos os dias começavam só com *aquelas letras garrafais*, o mundo acontecendo em frases curtas...” (p. 17, grifo nosso), imagem que remete à profecia de Daniel, que lê e decifra veredito desfavorável ao rei Belshassar (Daniel 5:25), inscrito na parede. Neste Bildungsroman, Clara assimilará as conformações do ambiente administrativo e político brasileiro, dos anos da ditadura, não só na escola, mas pelas coordenadas indicadas pelo pai, inclusive por meio da menção do jornalista judeu morto pelo governo nos idos de 70. Fato minúsculo no contexto de uma postura judaica quanto à justiça social nesta novela, o assunto é, todavia, um dos que servem para fortalecer a posição da presença e caráter judaico que dão forma ao universo de Clara. Mais tarde, quando o pai morre, o assunto é mais uma vez mencionado. Para Clara, ele – o jornalista – e o pai, enterrados no mesmo cemitério, estavam agora imersos na Revelação (p. 57), signifique isto o que significar. A morte do jornalista, de quem fora frisado o papel na defesa da cidadania, é citada como assunto principal do bairro, alvo da revolta manifesta do pai; é, porém, pela colocação definitiva da companheira, de que “preso político não se matava, preso político era morrido”(p. 22) que se soma a outros fatos da época, que vai se estruturando a sua personalidade, em que a atividade jornalística escolar – não aprovada liberalmente pelo pai – é paralela ao conhecimento do amor homossexual. É do pai, ainda, que Clara aprende a forma judaica talmúdica de propor assuntos e “examiná-los igualmente *pelo outro lado*, a cada arrazoado principal, um outro, oposto, não devia ser deixado de lado”. Mas, o aprendizado do amor, este deverá

ser esclarecido e confirmado por Aninha que é quem primeiro tem ciência do que está ocorrendo. Ao contrário do pai, a Aninha caberá inculcar coordenadas para o pensamento da namorada por meio de respostas-perguntas que devem conduzir à consciência da realidade, de que as duas garotas se amam. A partir desta circunstância, deverão vencer as repulsas morais que a situação desperta – lembrando-nos que o assunto é sempre trazido por Clara; nela as barreiras morais relativas a esta situação são mais difíceis de serem vencidas e, na realidade, jamais o serão totalmente.

O primeiro diálogo breve sobre isto mostra a forma diversa de enfrentamento do tabu e as respectivas decisões:

“-Aninha, o que é que está acontecendo? Existe alguma coisa *errada* com a gente?

-Ou talvez muito *certa*, quem sabe? Você ainda não se deu conta?”

E, em seguida:

“-Clara, eu lhe adoro. Não posso resistir.

Compreendi. Napalm no meu coração.” (p. 27)

Errado, certo, a distância insuportável entre estes dois pólos é avaliada desde o início da novela, já no título *Duas iguais – manual de amores e equívocos assemelhados* (título que na edição recente será reduzido a apenas *Duas iguais*) indicador da impossibilidade de sustentar esta situação que para se manter não pode se apoiar em personagens tão jovens que não são capazes de se desvincular dos padrões morais que vão se constituindo, principalmente em Clara, a jovem de dezesseis anos, foco principal da obra. Mas Clara não consegue suportar a situação de um relacionamento que está em choque com os seus padrões morais. Ninguém a repreende diretamente, mas as insinuações que ouve e que chegam ao auge com pergunta formulada pela colega Beatriz Levi, em alto e bom som no pátio da escola, “Quem de vocês é o homem?” (p.34) a incomodam sobremaneira. Anos depois, esta mesma Beatriz a denunciaria ao marido, o que desencadeia o torvelinho em que ocorre o fim do casamento, de todo modo insustentável para Clara, e que coincidirá com a volta de Ana, doente, e sua respectiva morte, concreta e metafórica para o amor sem saída. Para Clara, seu pai intuía o que se passava, e intuir era uma forma de saber (p. 33). Intuiu que o pai não perguntava e que já sabia e que ele também sabia que duas meninas não suportariam uma situação clandestina por muito tempo (p. 33). Como declarou Assis Brasil a respeito do livro, “Clara divide-se entre a

obediência e a revolta, entre o amor e a renúncia. Renúncia que lhe custará todas as dores possíveis ao longo de sua vida.” Conforme palavras de Clara, ambas não sabiam lidar com a marcha de amor e de desejo, sentiam que as explicações levavam para algo de que tinham medo; ainda, conforme suas palavras, sabiam que “estavam *reduzidas* a ser lésbicas, e que não cabiam em tão maldita redução”, (p.32) segundo suas palavras. Ao mesmo tempo, sentiam que amavam sem nenhum pudor. Esta mera menção é indicativa de que a barreira moral ainda era um empecilho enorme.

Os poucos meses de relacionamento das garotas, em um relato cuja exigüidade de páginas é farta e intensamente compensada por descrições de um amor intenso com cenas de forte erotismo, são encerrados com a volta de Clara ao convívio familiar, final do primeiro dos 17 capítulos que compõem a obra. Neste círculo que se fecha, ressalta-se mais uma vez a presença paterna, com os mesmos atos rotineiros já citados. O retorno à família não representa, porém, uma retomada de condições anteriores. O processo de formação da jovem já a instala em um outro patamar: enterra-se nos estudos para ser alguém na vida, conforme o princípio paterno. À jovem sofredora, que fora movida pelo amor e pelo desejo, fruto da amizade entre jovens “diferentes” e não por um sentimento de rebeldia cultural, resta a dor; esta se transforma em melancolia e, ao longo dos anos, em angústia.

Comentando aspectos judaicos da obra de Moacir Scliar, Gilda Salem Szklo, de saudosa memória, serve-se, em 1996, de um estudo em alemão de autoria de Albert von Brunn. Von Brunn, analisando sentimentos de amor e ódio das personagens de Scliar perante os conflitos de identidade na busca de uma integração na sociedade, e as coloca diante de três alternativas:

- 1- rejeição completa do mundo dos não-judeus, vida na minoria com um mínimo de contato com o meio ambiente, fuga do contexto social;
- 2- rejeição do próprio passado e do mundo judaico, desejo de assimilação, conversão à religião dominante e casamento com membros de outras comunidades religiosas;
- 3- rejeição de ambos os pólos de conflito de identidade e a busca de um mundo melhor sem preconceitos, repressão e discriminação: o caminho revolucionário. (p. 261)

Szklo enquadrou alternadamente nestas categorias os dois autores judeus mais em voga então, Scliar e Rawet, e suas personagens.

Cíntia Moscovich e sua obra surgiram mais tarde; considero vital

estabelecer para esta novela uma quarta categoria, especial e única, auspíciosa quanto à questão da identidade judaica. Não há neste seu texto rejeição nem do universo não-judaico, nem do próprio passado e do mundo judaico e nem, em função destes dois, a busca de um caminho revolucionário para consubstanciar um mundo melhor. A aceitação do modo de ser ético, que não aponta para qualquer descompasso para a tradição judaica ou com o universo amplo circundante é ferida pelo amor impossível, mas não contestada por conta de um ato pensado de rebeldia. O pensamento ético permanece incólume, apesar do relacionamento amoroso que transgride antigas regras.

Como em um típico *Bildungsroman*, a narrativa acompanha os anos de formação da protagonista. A narrativa é construída através das ações desta e de suas reflexões sobre as relações que estabelece com o mundo que a rodeia. Da ação dialética da protagonista sobre a sua sociedade e da sociedade sobre ela, o enredo evolui na direção da construção da identidade pela protagonista; entretanto, não consegue promover, como é comum neste gênero, a sua inserção em um meio social mais tolerante do que aquele de onde ela provém, pois o arcabouço estabelecido não se altera e o desvio em relação ao mesmo, ainda que interrompido, não pode desaparecer pois o amor que o moveu continuará na memória e na escrita da própria obra. Com isto estabelece-se um dos principais vieses que compõem a literatura feminina/feminista de sobrevivência, de resistência e, alguns casos, de subversão – uma subversão interior aqui — fatores nitidamente marcados nesta e em outras obras de Moscovich. O ato de escrever, fato frisado por tantas autoras e estudiosas da literatura feminina, é o único fator, nesta novela, capaz de redimir. Moscovich somente chega a uma declaração neste sentido no último parágrafo da obra, depois que a personagem destrincha a sua vida pela escrita e expõe os fragmentos resultantes, impregnados de dor. Clara aí faz a declaração:

Eu soube: o amor exige expressão. Ele não pode permanecer quieto, não pode permanecer calado, ser bom e modesto, não pode, jamais, ser visto sem ser ouvido. O amor deve ecoar em bocas de prece, deve ser a nota mais alta, aquela que estilhaça o cristal e que entorna todos os líquidos. (p. 165)

Assim, Clara completará o seu desenvolvimento, mas isto se dará somente por meio de eventos dolorosos. O relacionamento com a companheira,

rompido de forma quase abrupta, remete a uma distante imagem do paraíso e da expulsão do Éden. A amada, ao longe, é comparada a uma fruta, comida com os olhos. E o fruto do saber, saber amoroso ou outro, quando ingerido, leva à expulsão do Éden; benesses paradisíacas ficam extintas para sempre. A esta, outras perdas se sucederão, pois uma vez que passou a conhecer, a saber o amor, não se desvincilará dele nem de sua lembrança. Mesmo que recolha méritos no desenvolvimento da carreira jornalística, o campo afetivo estará à mercê de perdas: do marido carinhoso que a deixará quando souber do seu envolvimento com Aninha; da mãe, que se casa com o abominado cunhado; dos irmãos, ao anunciar a partida para os respectivos caminhos, diametralmente opostos (um anuncia que partirá para Israel e outro, que se casará com uma moça não-judia); da casa paterna que, com a “ocupação” promovida pelo tio, deixará de ser para ela o antigo lar aconchegante.

A impossibilidade de exercer o amor e respectiva sexualidade – uma morte interior – será acompanhada posteriormente pela dolorosa perda do pai. Mesmo nestas circunstâncias, é ainda a figura paterna condutora que se mostra presente; o silêncio que antecede o desenlace, “Imaginei que o silêncio daquele sono era, em verdade, a interrogação suprema e desafiadora” (p. 44), é equiparável à impossibilidade de Clara pronunciar o “Shemá Israel, a síntese do credo” (p. 45) quando o pai morre. Somatizando todos os golpes recebidos, não conseguirá participar na cerimônia fúnebre posterior de inauguração da lápide tumular. Pode-se tomar este fato, assim, como uma continuidade do silêncio, uma incapacidade de aceitar a idéia de separação, de partida, de assimilar o presente. Estilisticamente isto é compensado pela ampla descrição de todos os rituais vinculados ao sepultamento e ao luto e respectivos simbolismos. A recuperação da falha – ausência à cerimônia fúnebre – somente será concretizada por ocasião da morte da amada. Clara procurará, então, no cemitério, visitar pela primeira vez a lápide do túmulo do pai, e mencionará a torneira, que ela sempre chama pelo nome hebraico de *kiyor* (ela usa indevidamente a palavra que significa “pia” por “torneira”), um dos costumes já citados quando da morte do pai; ao se lavar as mãos e não secá-las após uma cerimônia fúnebre ou visita ao cemitério, cria-se a distinção necessária entre o universo dos mortos e dos vivos, indicando, conforme os preceitos religiosos, a impureza relacionada à morte e a prevalência da vida. A insistência quanto à menção da torneira

e, mais ainda, por uma palavra em língua estranha, parece apontar para um forte código judaico a que a personagem se apega.

Clara promoverá, em seguida, o ato judaico de luto de cobrir os espelhos para não vislumbrar a própria imagem da dor e, na concepção desta novela, a sua imagem é a da companheira. Somente depois de completar estes ritos é que ela pode dar a forma final (conforme o parágrafo mencionado há pouco) à imprescindível consciência de que o amor é mais forte e que calá-lo é o grande equívoco.

BIBLIOGRAFIA

- GREENBERG, Steve. *Wrestling with God and Men: Homosexuality in the Jewish Tradition*. Madison, University of Wisconsin Press, 2004. (Resenha de MICHAELSON, Jay. Gay, Jewish – and proud of it. *Haaretz*, 14/05/2004. Disponível em <Haaretz.co.il>. Acesso em 14/05/2004).
- LOBO, Luiza. A literatura de autoria feminina na América Latina. *Revista Brasil de Literatura*. Ano 1, julho-setembro 1997. Disponível em <[planeta.terra.com.Br/educação/csgiusti/Centralit/pg7.htm](http://planeta.terra.com.br/educação/csgiusti/Centralit/pg7.htm)> Acesso em 04/04/2004.
- MAGONET, Jonathan (ed.). *The Jewish Homosexual and the Halachic Tradition. Jewish Explorations of Sexuality*. Providence, Berghahn Books, 1995. Apud: ZEIDMAN, Reena. Marginal Discourse: Lesbianism in Jewish Law. *Women in Judaism: A Multidisciplinary Journal*, 1997. p. 84. Disponível em <http://www.utoronto.ca/wjudaism/journal/vol1n1/v1n1zeid.htm>. Acesso em 14/04/2004.
- MOSCOVICH, Cíntia. *Duas iguais – manual de amores e equívocos assemelhados*. Porto Alegre, L&PM, 1999.
- , *Duas iguais*. Rio de Janeiro e S. Paulo, Record, 2004.
- SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios? *labrys, estudos feministas* nº 1-2, julho-dezembro 2002. Disponível em <www.unb.br/ih/his/ge-fem>. Acesso em 14/05/2004.
- SZKLO, Gilda Salem. A identidade nacional: um certo olhar. Cânones e contextos – Anais do 5º Congresso da Abralic, vol. 2, Rio de Janeiro, CNPq, Abralic, Finep, 1998.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. Cena gaúcha. Portal literal – Cíntia Moscovich. Disponível em <portalliteral.terra.com.br/verissimo/nas_cidades/cenasgauchas/cintia_moscovich.shtml?as cidades> Acesso em 14/05/2004.